

## UMA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL PÕE A PENSAR: QUE PODE UMA OCUPAÇÃO NA ACADEMIA?

Tarcísio Moreira Mendes<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretende-se pensar aqui a potência da ocupação de um território. Ocupar, aqui, é por movimento ao que se pensava fixo: desterritorialização. As ocupações estudantis das escolas paulistas contra a reestruturação do ensino imposta pelo Estado de São Paulo dispararam devires revolucionários que põem a pensar outros modos de ocupar lugares outros da educação. Neste movimento de ocupação que só pode ser desterritorialização, uma nova terra porvir anuncia-se. Que pode a academia em movimento de ocupações?

**Palavras-chave:** Ocupação estudantil; desterritorialização; invenção.

**Abstract:** It is intended to think here the potency of the occupation of a territory. Occupy here is by movement to what was thought fixed: deterritorialization. The student occupations of the schools of São Paulo against the restructuring of education imposed by the State of São Paulo deflagrated revolutionary becoming that moved to thinking other ways of occupying other places of education. In this movement of occupation that can only be deterritorialization, a new land to come is announced. What can the academy in movement for the occupations?

**Keywords:** Student occupation; deterritorialization; invention.

Ocupar-se da escola. Ocupar a escola. Ocupar-se de pensar a escola ou uma escola. Desocupar a escola. Abandono. Abandonar ideia de escola. Ou dar-se conta da desocupação de uma escola.

Salvar escola. Queremos salvar a escola. Queremos salvar a escola? Desocupem escola! Reformulação do Ensino de São Paulo. Evacuem 93<sup>2</sup>... 200 unidades escolares ocupadas. OCUPAÇÃO! Ocupa-se a escola que era para ser desocupada. Ocupação da escola. Que ocupação? Ocupação 100 alunos. Ocupação sem professor. Ocupação sem diretores. Ocupação sem orientação pedagógica. Ocupação sem disciplina. Ocupação sem serviços gerais. Ocupa-se com a portaria. Com a limpeza de banheiros. Ocupação com os materiais, as substâncias, as atividades, os exercícios, sem disciplina. Ocupa-se com rigor. Ocupa-se de ética. Ocupa-se politicamente. Ocupação Política. Uma política de ocupação de espaço. Espaços desocupados: biblioteca entulhada, materiais didáticos desocupados de sua função, ocupando uma sala sem ocupação; laboratório desocupado; ginásio poliesportivo desocupado por alunos, ocupado pela iniciativa privada.

Ocupar-se de pensar a educação. Ocupar-se de pensar a educação básica na educação superior. Educação Básica não se ocupa de pensar educação básica. Educação Básica está ocupada a pensar outras questões: 40 alunos por turma; três turnos de trabalho; quatro escolas diferentes. Um currículo básico a ser aplicado. Aulas para serem ocupadas por uma Base

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFJF. Ator e performer e pedagogo. Membro do Travessia Grupo de Pesquisa NEC/FAGED/UFJF. E-mail: [tarcisiodumont@yahoo.com.br](mailto:tarcisiodumont@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Reformulação do ensino proposta unilateralmente pelo Governo do Estado de São Paulo no segundo semestre de 2015, que determinava o fechamento de 93 escolas de Educação Básica. Isto provocou inúmeras ocupações de escolas por estudantes, movimento que ficou conhecido como “Não feche minha escola”. Os alunos dividiam entre si as tarefas relacionadas ao cotidiano de uma escola, como controlar a entrada de pessoas, limpeza, atividades, etc. Ao longo das ocupações que se espalharam por todo estado, outras discussões vieram à tona: como a inutilização de materiais didáticos novos, o arrendamento de espaços públicos à iniciativa privada, laboratórios e bibliotecas desativados. Para mais, ver MAZZA, Débora; SANTOS, Maria Helena. Notas sobre o movimento de ocupação das escolas em São Paulo. Brasil Debate. 16 de fev. de 2016. Disponível em: <http://brasildebate.com.br/notas-sobre-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-estaduais-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

Nacional Comum Curricular<sup>3</sup>. Aulas a serem ocupadas por um professor que sabe e cumpre um Currículo base. Escola ocupada. Ocupada. Ocupada. Ocupada com alunos. Difícil de ser ocupada pelos alunos. Ocupada de alunos. Entulhada de alunos. Uma aula ocupada a ensinar matemática aprende muitas coisas. Uma aula ocupada em ensinar aprende muitas coisas. Uma aula ocupada em ensinar matemática aprende que não se aprende apenas matemática em aula ocupada em ensinar matemática. Uma aula de física ocupada em ensinar física aprende muitas outras coisas. Um homem embaixo de uma macieira aprende muito de física. Um homem desocupado embaixo de uma macieira aprende física. Um homem desocupado ocupado com a dor na cabeça ocupa-se a pensar física. Newton.

Dar-se conta que existe um Currículo Base, ideal, e um currículo Real, efetivamente produzido em sala de aula, junto das ações com os alunos e que não se assemelha em nada a uma idealidade da Base, serve apenas para ocupar-se menos em produzir Base Nacional Curricular<sup>4</sup>. Ocupar-se com um currículo, um caminho feito em sala, para cada sala, por cada aluno, por cada professor, ocupado menos ainda com a relação professor-aluno. Ocupação outra.

Desocupar-se com a aula de matemática. Desocupar-se com a disciplina matemática. Desocupar-se da matemática.

Ocupar-se com matemática. Ocupar-se com uma matemática.

Que matemática outra é possível ocupar escola?

Como uma matemática pode ocupar-se da escola?

A professora Aline<sup>5</sup> se ocupa em aulas de matemática no ônibus, sonolenta, livro em mãos, olhar atento. A borboleta na sala de aula é parte do campo: o ônibus, o livro, o menino, o ponto de parada do ônibus; a arma, as balas de revólver, a morte; a fórmula inventada em aula particular, o céu, o pátio, a diretora, o sinal de aviso da escola. Tudo ocupa um campo. Explode sala de aula de matemática. Invento campo de pesquisa, sem ser Pesquisa de Campo.

Uma professora de matemática ocupada com outra coisa que não só matemática pensa matemática. Pensa formação. Fabulação. Invenção. Uma professora Fernanda<sup>6</sup>, quaresmando, no domingo, ao lavar a louça pesquisa. Uma sala de aula de matemática ocupada em quaresmar. Ocupação. Quaresmando. Ocupada em criar verbo de substantivo. Nem os católicos foram tão sábios.

---

<sup>3</sup> Há uma discussão atual a respeito do impacto da definição e regulamentação da Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 15 de Dezembro de 2017, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). O modo de imposição unilateral do Governo Federal que pouco considerou diferenças possíveis e singulares que produzem um currículo em sala de aula tem produzido inúmeras críticas. Tal imposição está fundada num Ideal de homogeneização da relação ensino-aprendizagem e exclui todo potencial da diferença que constitui aprender. Além de não se fundamentar nas condições reais materiais diversos (infra-estrutura, valorização do magistério, tradições regionais, etc.) que compõe o Sistema Educacional Brasileiro. Esta decisão limita-se a pensar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e ou a dificuldade dos governos de investir em Educação como questão de conteúdo. Para mais acesse: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

<sup>4</sup> Veja uma outra discussão a respeito do ideal curricular e os possíveis do currículo em sala em: CLARETO, Sônia; NASCIMENTO, Luiz Alberto Silvestre do. A sala de aula e a constituição de um currículo-invenção. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 3, p. 306-321, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/clareto-nascimento.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

<sup>5</sup> Referência a dissertação de Aline Silva, membro do Travessia Grupo de Pesquisa, defendida em 2016, intitulada “Aprendizagens em uma sala de aula de matemática” que se ocupou com coisas para além dos números e equações, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, FAGED/UFJF. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2235>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>6</sup> Referência a dissertação de Fernanda Severino Azevedo, membro do Travessia Grupo de Pesquisa, defendida em 2016, intitulada “Matemática quaresma formação” no qual a pesquisadora inventa o conceito quaresmando para dar conta de sua pesquisa em Matemática, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, FAGED/UFJF. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2245/1/fernandadeoliveiraazevedo.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Não fazemos pesquisa de campo. Fazemos outra coisa, ocupamo-nos com outras coisas. Ocupamos outros campos. Inventamos territórios. Melhor: desterritorializamos os inventados, num movimento que só pode ser mais invenção. “(...) até que a terra devesse tornar-se tão artificial que o movimento de desterritorialização crie necessariamente por si mesmo uma nova terra” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 425). Estamos sempre em campo, prontos para o jogo, o jogo de forçar limites. Ocupar outros territórios. Desocupar Campo de Pesquisa segmentado. Desterritorializar Campo de Pesquisa. Inventar uma nova terra na própria invenção. Terra por vir. “Nunca se irá suficientemente longe na desterritorialização, na descodificação dos fluxos, pois a nova terra (‘Na verdade a terra de virá um dia um lugar de cura’) não está nas reterritorializações neuróticas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 506). Ocupar-se de campo. Ocupar-se no campo. Ocupar campo. E por isso desterritorializar matemática, escola. Ocupação! Escola terra de cura. Ou terra de cura que não seja necessariamente escola.

Como ocupar-se do espaço outro que está ocupado pelo Mesmo?

Embora tenhamos que por momentos delimitar um campo para um projeto, um curso de extensão, um grupo de estudos, um financiamento da FAPEMIG. Embora estas delimitações tenham nos ocupado a pensar fora dos limites de uma disciplina de sexta que invade o grupo de pesquisa, que não se identifica com um grupo de estudos que invade um grupo em pesquisa e explode um Travessia Grupo de Pesquisa<sup>7</sup> para que ainda outras travessias sejam possíveis<sup>8</sup>. Ocupamo-nos em seguir pistas, investigar, pesquisar o tempo todo ou num tempo outro. (Penso que escrever agora enquanto voltava do almoço do RU, entre uma parada para compra de mexericas, R\$1,99 o Kg, entre semáforos, gente andando, tropeçando em mim, mim’s tropeçando em eu). Em campo. Ocupando campo. Ocupando-se em campo. Não se sabe como alguém aprende. Ocupamo-nos em. Ocupamos. Inventamos território ao entrarmos em movimento de desterritorialização. É risco que neste movimento aconteça uma reterritorialização num modo diferente de fazer pesquisa acadêmica, neurótico desejo de encontrar uma forma segura. “(...) [a nova terra] não está nas reterritorializações neuróticas ou perversas que estancam o processo ou que lhe fixam metas, não está nem atrás nem adiante” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 506). A desterritorialização é o próprio movimento de criação que se faz forçando os limites do território, é a invenção de uma nova terra que arrasta consigo o território ao mesmo tempo desfaz seus limites. “[a nova terra] ela coincide com a efetuação do processo da produção desejante, esse processo que já se acha sempre efetuado enquanto procede, e tanto quanto procede” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 506). Ocupamo-nos em desterritorializar combatendo as reterritorializações fugindo dos diferentes e apostando na produção de mais diferença. Desocupamos Campo de Pesquisa idealizado. Pois não há meta a ser concluída, não há terra de chegada. O próprio movimento é destruição é também invenção, tudo ao mesmo tempo. Ocupamo-nos em inventar tantas outras ocupações em campo desfazendo-o. “Resta-nos, portanto, ver como procedem efetivamente, simultaneamente” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 506) estes movimentos.

<sup>7</sup> Referência às atividades do Travessia Grupo de Pesquisa, certificado pelo CNPq e abrigado no NEC/FACED/UFJF que tem se ocupado com projetos de pesquisa financiados pela FAPEMIG, aulas na Pós-Graduação em Educação às sextas-feiras e reuniões semanais às segundas-feiras e experimenta os atravessamentos dessas atividades, umas nas outras, deixando quase indiscernível os limites.

<sup>8</sup> Referência ao Projeto de Pesquisa concluído “OFICINAS DE EXERCÍCIOS FORMATIVOS: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação” produzido pelo Travessia Grupo de Pesquisa e financiado pela FAPEMIG sob o número 02077-12, entre os anos de 2013/2014 que propôs a criação de um curso de extensão, de um grupo de estudos dispostos a pensar formação de professores. Ao longo da pesquisa foi posta em questão a forma idealizada para estudo, levando a pensar a própria ética-estética-política de formação do Grupo Travessia junto às disciplinas ministradas na pós-graduação por membros do Grupo.

O currículo do Travessia Grupo de Pesquisa não se ocupa em produzir um Currículo Base Nacional do Travessia. Não há garantia de sobrevivência do grupo. Embora sejamos tentados a isso. Como alguém aprende que é Esquizoanálise? Como alguém aprende a criar para si um corpo sem órgãos? Como alguém aprende escrever como Travessia? Teria o Travessia um rosto, um significado, uma memória, uma subjetividade? Como alguém aprende a viver no Grupo Travessia?<sup>9</sup> Não há Currículo Base. Alguns são tentados a pensar que há leituras base. Não há leitura básica, texto essencial, etapas a serem cumpridas. Quantos bolsistas passaram pelo Travessia e se tornaram mestrados, doutorandos, pesquisadores junto ao Travessia? Quantos bolsistas ocuparam-se em travessia e abandonaram a travessia ou um Travessia? Não há Currículo básico para travessias. As travessias são muitas. As invenções inimagináveis. Ocupar-se em caminho. Ocupar-se na produção de um currículo singular, irreproduzível, sem semelhança, sem rosto, sem significado, esquecido. Ocupar-se dos signos, multiplicidades, afectos, perceptos. Ocupação.

Não fazemos pesquisa de campo. Estamos em campo. Ocupamos campo. Inventamos território, com risco de não nos darmos conta de que somos transitórios. Com risco de não nos ocuparmos com as desterritorializações.

É preciso ocupar-se com riscos. Ocupar-se em risco. O risco é uma ocupação. Arriscar o tempo todo. Somos lançados a nos ocupar dos riscos. Questão: ocupamo-nos com os riscos de manutenção ou de afirmação do que é?

Ocupamo-nos em manter algo: o medo de morrer morrendo. Ou ocupar-se em afirmar a mudança: morrer afirmando que se vive. Vivo.

Em que se ocupa este encontro: ocupa-se a pensar outros modos de ocupar-se de uma educação. Ocupa tempo outro. Ocupa espaço outro. Inventa campo.

Um Estado ocupa-se em produzir aparelhos para ocupar sua juventude. Escola: um campo de concentração. Um Estado ocupa-se em produzir uma política de ocupação de professores: Escola Sem Partido<sup>10</sup>. Um campo com apenas uma ocupação: não escapar. Um Estado ocupa-se em produzir um aparelho para que não haja desocupação do professor, da escola: escola direito, escola dever! Uma escola ocupa-se a pensar um corpo outro: política de gênero. Uma escola ocupa-se a pensar outros caminhos: cotas raciais. Um Estado ocupa-se em produzir um aparelho para que não se escape: BNCC. Outros estados são produzidos por ocupações outras. Resistência. Criação.

Alguns se ocupam de linhas de fuga. Alguns se ocupam em lutas por melhores salários ou mais direitos, menor carga horária, menores turmas, porque isso, definitivamente, intensifica nossa ocupação. Precisa-se desocupar-se de umas coisas para ocupar-se de outras. Mas sem garantias nas ocupações.

Ouvi no último encontro de um seminário de pesquisa na universidade na qual realizo pesquisa de doutoramento, em univocidade que “investir na Educação Básica, quiçá na Educação Infantil, é garantia de uma ótima escolarização ao longo da vida”. “Diminui a dengue,

---

<sup>9</sup> Em maio de 2017 a dissertação de mestrado intitulado “Uma Educação *esquizita*. Uma Formação *bricoleur* – processo ético e estético e político e econômico” fora atacada por grupos fascistas por não considerarem o formato de apresentação do trabalho como acadêmico e científico. O acontecido potencializou a discussão acerca dos modos de ocupar a Academia com modos outros. O Travessia Grupo de Pesquisa desde sua criação vem apostando em modos pesquisas e escritas acadêmicas na diferença ao que é imposto pela hegemonia da Academia. No entanto, esta ocupação com a diferença às vezes produz a ilusão de que desejamos fazer diferente, ou criar um novo formato a ser replicado. A produção do grupo mostra que isso tem sido impossível, pois não há um modelo de escrita ou metodologia de pesquisa a ser seguido pelos membros e a multiplicidade das produções mostram que não há fôrma a ser usada. Link para dissertação *esquizita* <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/231>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>10</sup> Projeto de Lei que pretendia proibir e condenar o que fosse considerado manifestação de opinião na escola. BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei do Senado 193/2016**. Incluía entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=125666>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

as doenças, melhora a saúde pública, a qualidade de vida, conscientiza, educa.” Uma educação ocupada em fazer o certo, o correto: formar corpos saudáveis escolarizados!

Aos da Educação Básica: “Não sou nada/nunca serei nada/ Não posso querer ser nada/ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”<sup>11</sup>. Trecho lido certa vez na sala em ocasião de apresentação de meu projeto de mestrado ao grupo Travessia. No qual performei, encenei, coisa que não faço agora. Aqui, ocupo-me em ser objetivo. Ocupo-me em viver! Será? Naquele momento li solene, calmo; hoje, penso em ocupar-me em ler assim: (talvez enérgico, grave): “Não sou nada/nunca serei nada/ Não posso querer ser nada/ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Que pode uma educação que se ocupa em repetir este poema? Que pode uma educação que se ocupa em afirmar este poema? Que pode uma educação ocupada em afirmar que nada sabe, nada será, que não pode ser nada, mas que tem em si todos os sonhos do mundo? Que pode uma educação que afirma a grande saúde? Que campo seria possível inventar para uma educação ocupada com todos os sonhos do mundo?

Que escapes estamos a nos ocupar? Desocupar-se da escola. Como não se ocupar de uma ideologia de uma Educação Básica? Como não se ocupar em resolver o problema da Educação Básica que nos impõem? Como nos ocupar das questões básicas da educação? Que campos a educação pensa essencial ocupar? Como não se ocupar de buscar essência? Como ocupar-se do campo que se está ocupando? Que campos a educação ocupa?

Que pode uma ocupação?

## Referência

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

---

<sup>11</sup> Trecho do poema “Tabacaria”, do heterônimo Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa.